FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA
CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ARIANY LÍCIA LIMA MELO

IDENTIFICAÇÃO DA DOR EM CÃES POR TUTORES NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA- PB

JOÃO PESSOA

2022

ARIANY LÍCIA LIMA

IDENTIFICAÇÃO DA DOR EM CÃES POR TUTORES NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA- PB

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

ORIENTADOR: Profª. Dra. Maiza Araújo Cordão

JOAO PESSOA

2022

ARIANY LÍCIA LIMA MELO

IDENTIFICAÇÃO DA DOR EM CÃES POR TUTORES NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA- PB

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado pelo aluno (a) _____ do Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária, tendo obtido o conceito_____, conforme a apreciação da Banca Examinadora.

Aprovado em_____de _____de 202___.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Maiza Araújo Cordão- Orientador

Profª. Dra. Islaine de Souza Salvador - Membro

Profª. Dra. Vanessa Lira de Santana - Membro

MELO, ARIANY LÍCIA LIMA. **Identificação da dor em cães por tutores no município de João Pessoa- PB.** Trabalho conclusão, Faculdades Nova Esperança (Facene). 2022. 53 pg.

RESUMO

A dor em cães e as inúmeras consequências que essa identificação tardia pode causar ao animal serviram de escopo para a elaboração deste trabalho, os sinais de dor que são apresentados pelos comportamentos e alterações fisiológicas dos animais. Com objetivo de verificar a identificação dos tutores em relação aos sinais de dor apresentados por seus animais, com intuito de prevenir o avanço de doenças quando identificadas inicialmente e uma maior conscientização dos tutores diante de sinais quando expressados pelos cães. O trabalho foi realizado em campo com duas visitas em cada local, em turnos distintos, os locais foram escolhidos de acordo com o maior fluxo de cães de passeio, com a aplicação dos questionários com perguntas relacionadas à identificação do tutor em relação à dor apresentada pelo seu cão. Foi verificado com a análise de dados que o tutor não consegue especificar de maneira totalmente correta e que por esse motivo, as dores em cães são descuidadas pelos mesmos, tornando de maneiras tardias possíveis diagnósticas e tratamento. Durante a pesquisa, 30% dos tutores afirmaram que os seus cães sempre cansam nas caminhadas, no entanto, 55% afirmou que raramente sentem dor de acordo com a sua percepção, assim, verificou-se que a conscientização da questão é de extrema importância para que ao mínimo sinal de dor os tutores procurem um profissional Médico Veterinário.

Palavras chaves: Bem-estar e ética animal, Sinais de dor, Conscientização.

LISTA DE TABELAS

	pg
Tabela 1: Principais sinais comportamentais e clínicos associados à dor em pequenos animais.	**16**
Tabela 02: Identificação dos dados sociodemográficos dos participantes da entrevista.	**21**
Tabela 03: Frequência de passeios do cão, exercício físico, se alegra ao passear, ferida.	**22**
Tabela 04: Variáveis quanto ao comportamento do animal.	**29**
Tabela 05: Dados sobre interesse em brincadeiras e sinais de dor.	**31**
Tabela 06: Percepção dos entrevistados sobre a presença de dor no animal.	**33**
Tabela 07: Dados sobre as raças dos animais e faixa etária.	**33**

LISTA DE GRÁFICOS

	pg
Gráfico 01: Identificação dos responsáveis pelo cão.	**22**
Gráfico 02: Identificação da posição do animal ao realizar as necessidades fisiológicas.	**24**
Gráfico 03: O animal mantém os seus hábitos de higiene.	**25**
Gráfico 04: Dados sobre o cansaço do animal.	**25**
Gráfico 05: Dados sobre a variação da apresentação do intestino do animal.	**26**
Gráfico 06: Identificação da atenção que os cães oferecem à família após caminhadas.	**27**
Gráfico 07: Percepção dos entrevistados sobre a apresentação de vocalização dos animais.	**28**
Gráfico 08: Informações sobre o apetite do animal após caminhadas.	**32**
Gráfico 09: Identificação e diagnóstico de doenças anteriores nos animais	**35**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **8**

2 OBJETIVOS **10**

2.1Objetivo Geral 10

2.2Objetivos Específicos 10

3 REVISÃO DE LITERATURA **11**

3.1Relação cão x homem 11

3.2 Importância do cão nas atividades dos tutores 12

3.3 Sinais de dor em cães 14

4 METODOLOGIA **18**

4.1 Tipo de estudo 18

4.2 Local de estudo 18

4.3 População e amostra 18

4.4 Instrumento de coleta de dados 18

4.5 Procedimento para coleta de dados 18

4.6 Análise de dados 19

4.7 Aspectos éticos 19

4.7.1 Riscos e benefícios da pesquisa 19

5 DESFECHO PRIMÁRIO **20**

6 DESFECHO SECUNDÁRIO **20**

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO **21**

8 CONCLUSÃO **38**

9 CRONOGRAMA **39**

10 ORÇAMENTO **40**

REFERÊNCIAS **40**

APÊNDICE A **49**

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO **51**

APÊNDICE C **54**

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a interação humano-cão (*Canis familiaris*) vem sendo cada vez mais intensa como apontam Cabral e Savalli (2019), apontam que essa relação consegue ser percebida de maneira fácil em muitos locais, incluindo o novo mercado, onde possível observar mudanças em gestão de restaurantes, shopping e locais abertos nos quais, com regras delimitadas conseguem autorizar o acesso dos animais em suas áreas, levando em consideração a importância dada às relações com os animais, em atividades conjuntas com os tutores.

É notória em nossa rotina que os cães exercem várias funções na sociedade: são companheiros no nosso dia a dia, estão presentes nas atividades diárias, caminhadas, lazer, como praias, shopping, praças públicas, além de serem importantes em Atividades Assistida por Animais (AAA) visto que contribuem para restabelecimento da saúde de pacientes hospitalizados ou não entre tantas outras situações (FREITAS et al. 2018; CABRAL E SAVALLI, 2019; ALVES et al., 2022).

O número de cães nas atividades físicas com os tutores está sendo crescente, principalmente em caminhadas e corridas, todavia estudos destacam também os benefícios das atividades com cães em idosos institucionalizados apontando a melhora do humor, diminuição da ansiedade, redução do estresse, da sensação de abandono ou solidão por contribuir com a socialização, melhora na memória, comunicação oral, atividades motoras, bem estar e qualidade de vida (SOUZA et al., 2019; CAMPOS e BANHATO., 2020).

Percebe-se que o tutor que leva o cão para o passeio, gera de forma automática um exercício também a ser realizado pelo mesmo, nesse contexto vários fatores devem ser levados em consideração como: saúde do animal, peso do animal, idade do animal, sedentarismo, alimentação, vacinas, para que o tutor tenha segurança do tempo de atividade e do tipo de atividade, pois são fatores que podem está causando algum desconforto, patologias crônicas, ou sinais de dor.

A avaliação da dor em animais é uma tarefa desafiadora para a medicina veterinária (CASTRO, 2008), pelo fato de os animais não poderem verbalizar o que estão sentindo, todo sistema de avaliação que depende de um observador humano é subjetivo em algum momento e pode resultar em erros ao se implementar a terapia analgésica (HELLYER et al., 2007b). A avaliação da dor animal deve envolver principalmente a interação com o paciente, mais até do que somente a observação. Além disso, o avaliador deve ter algum conhecimento do

comportamento normal do animal para ter um contexto no qual inserir os parâmetros registrados durante a avaliação.

No entanto, nota-se a carência de percepção dos tutores para identificação dos sinais de dor apresentados pelos animais, que por muitas vezes não evidenciam tais sinais, quando o estado dos mesmos se torna mais grave ou de difícil reversão. Com isso, essa identificação com antecedência as questões relacionadas à saúde do cão poderão ser analisadas, diagnosticadas e sob orientação de um Médico Veterinário.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Verificar a identificação dos tutores em relação a sinais de dor apresentadas por cães de passeios em João Pessoa-PB, e conscientizar os tutores quanto aos sinais de dor e saúde dos animais.

2.2 Objetivos Específicos

- Analisar quais os sinais de dor identificados pelos tutores. Os sinais comportamentais de dor no cão incluem: Alterações na postura ou posição corporal; Alterações no comportamento; Vocalização; Alteração na reação ao toque; Alteração na interação com seres humanos (ex. interação reduzida, agressividade); Alteração na mobilidade (ex. claudicação, relutância em mover-se); Diminuição do apetite;
- Verificar informações sobre peso e idade dos animais em relação ao tipo de atividade física em que estão realizando e o tempo da atividade;
- Contribuir para o diagnóstico precoce da causa da dor, para que o tutor procure o médico veterinário precocemente, garantindo o tratamento adequado e maior possibilidade de cura do animal.

3.REVISÃO DE LITERATURA

3.1Relação cão x homem

A criação de animais de estimação ou de companhia é uma característica universal nas sociedades humanas. O relacionamento entre homens e animais é uma entidade complexa iniciada nos primórdios da história da humanidade com a domesticação dos animais e mantida até hoje graças a sentimentos muito peculiares (FARACO, 2004). A relação dos animais com o homem tem início já na pré-história, quando os animais eram utilizados como forma de proteger o território em que o homem vivia, dando auxílio a caças e transporte de cargas e humanos e essa interação dos animais com o ser humano aparece fortemente desde os tempos primitivos (CAETANO, 2010).

O homem sempre dependeu de interações com outras espécies para a sua sobrevivência, sendo que esta relação a priori era de predação, passando mais tarde para a domesticação (HART, 1985). Segundo PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN (1997), o ser humano se ajusta de forma criativa no meio com o objetivo de satisfazer as principais necessidades do momento, a partir do que esse ambiente tem como possibilidades. Essa satisfação de necessidades traz ao ser humano um equilíbrio e é uma forma de ele se autorregular.

Estudos têm demonstrado que a interação do homem com animais de estimação pode ter efeitos positivos na saúde e comportamento humano e que, em alguns casos, esses efeitos são relativamente duradouros (SERPELL, 1993). Segundo Vicária, (2003) a medicina está descobrindo que eles também podem ser benéficos para saúde humana.

O contato com os animais pode auxiliar o homem em sua busca pelo conhecimento de si, no estabelecimento de sua identidade e na descoberta de suas próprias “realidades animais”. Eles podem representar a única ponte de ligação do homem com um mundo autêntico, sem hipocrisias, corporativismo ou mediocridade (ODENDALL, 2000).

De acordo com Franco (2001) a interação do homem com o animal de estimação, mesmo se mostrando afetuosa, se caracteriza por uma relação de autoritarismo, visto que é o homem que decide sobre a liberdade do animal, quando quer dar carinho para ele, e se vai impedir a reprodução dele ou não, por meio da castração. Quando o animal é utilizado como instrumento em terapias, Dotti (2005) coloca-se que é importante verificar o quanto o trabalho realizado será benéfico para o animal também, não tornando uma atividade que cause estresse para ele, entre outras consequências.

Uma boa interação entre homem e animal traz benefícios não só para o homem, mas, também, para o animal com relação a sua alimentação, moradia, lazer e condições sanitárias. No entanto, existem situações em que essa interação é maléfica tanto para homem quanto para o animal, principalmente, por despreparo do proprietário de como lidar com um animal de estimação. Essa situação acarreta como consequências: comportamentos estereotipados, desespero comportamental e agressividade do lado do animal (ALMEIDA, ALMEIDA E BRAGA, 2008). E do lado humano, insatisfações com o comportamento do animal, chegando à possibilidade de sofrer agressões por parte do animal e transmissão de zoonoses, principalmente a raiva (LANTZMAN, 2000).

3.2 Importância do cão nas atividades dos tutores

O exercício físico ajuda a prevenir doenças sendo opção ao tratamento de diversas patologias, daí a importância em conhecer os seus efeitos para o organismo. Quando o indivíduo sai do repouso e se coloca em movimento ocorrem mudanças, dentre elas taquicardia, aumento da pressão arterial e da temperatura corporal, fruto de alterações no sistema cardiovascular; aumento da atividade simpática e redução da atividade parassimpática que são proporcionais a intensidade do exercício (NUNES, ALMEIDA E DANTAS, 2015).

Conviver com um animal de estimação está se tornando um sinônimo de qualidade de vida, Estudos publicados no American Journal of Cardiology mostram que pessoas que convivem com animais de estimação apresentam níveis de estresse e de pressão arterial controlados, e esta tem menor chances de desenvolver problemas cardíacos.

Berzins (2000) observou uma redução do tempo de recuperação das doenças e uma maior sobrevida para as pessoas que possuem animais de estimação e que apresentam cardiopatia isquêmica. A presença do animal induz a atividade física, com a realização de atividades diárias, como levá-los a passear e consequentemente redução da ansiedade e a pressão arterial, conforme comprovam estudos efetuados nos Estados Unidos e na Europa.

Segundo Tatibana e Costa-val (2009), crianças que convivem com animais de estimação se tornam mais afetivas, solidárias, sensíveis, com maior senso de responsabilidade, e compreendem melhor o ciclo vida-morte. Algumas pessoas idosas tratam os animais de estimação como membros da própria família, e a sua presença também pode estimular também pessoas sedentárias e obesas a realizarem exercícios físicos.

Os benefícios da caminhada para humanos são parecidos com a dos animais, nos seres humanos melhora a concentração, a memória, proporcionando um grande ganho na

aprendizagem. Quando cães e tutores realizam a atividade juntos, além dos benefícios fisiológicos (metabólico e endócrino), destaca-se, principalmente, o lanço afetivo entre animal e seu tutor, proporcionando benefícios psíquicos e sociais para humano e animal (WITTER, 2016). Ferreira (2012) verificou em sua pesquisa que os idosos gostariam de ter um animal de estimação para que ele os motivasse a sair e caminhar. Ademais, Degeling e Rock (2012) constataram em sua pesquisa que a presença de um cão de estimação nas caminhadas de idosos proporcionou, de alguma forma, a sensação de segurança para eles.

É grande o número de cães que vivem em apartamentos devido à praticidade de vida, custo benefício e segurança de seus tutores. Os cães de companhia são tratados como filhos, com todo conforto, assistência médica veterinária e amor. São tantos cuidados, que são retirados dos animais os comportamentos naturais, por exemplo: caçar, correr, cavar, latir, saltar, tornando-os mais dóceis, no entanto sedentários (CROSSMAN, 2017).

Segundo Garcia (2009) os animais de estimação, além de uma companhia, são também utilizados para caça, proteção e auxílio de pessoas com dificuldades de locomoção dentre os profissionais de saúde que utilizam animais para fins de tratamento, tendo o psicólogo o que menos utiliza esse recurso. Os profissionais que mais aproveitam são médicos, fisioterapeutas, veterinários, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais e também eles são maioria nas autorias da literatura disponível sobre esse tema.

Por meio da espontaneidade do animal a pessoa pode ser estimulada e motivada a fazer algo sem se sentir forçada, possibilitando que o psicólogo inicie seu trabalho (VOLPI E ZADROZNY, 2012). Estudo recente aponta que em uma criança com paralisia cerebral a fisioterapia tornou-se mais agradável a partir da terapia com cães, sendo uma estratégia terapêutica eficaz por contribuir nas habilidades funcionais da criança (MORAIS et al., 2022). Segundo Lima e Sousa (2004), é importante considerar, além da perspectiva do homem, os benefícios e malefícios na perspectiva do animal de estimação nesta relação homem animal, esses animais possuem um conjunto de qualidades particulares, que vão se manifestando pelos humanos, como o amor incondicional, chamando a atenção ao dono, por sentir-se amado, respeitado, seguro e digno de atenção, com isso, os cães de assistência trata-se de um animal individualmente treinado para realizar tarefas que aumentam a autonomia e a funcionalidade da pessoa com deficiência.

Incluídas nesta definição mais geral encontram-se outras relativas a situações de caráter mais específico como sejam a de cão-guia, cão de serviço e cão para surdos que auxiliam, respectivamente, indivíduos com deficiência visual, motora e auditiva (DUCAN E ALLEN, 2000).

3.3 Sinais de dor em cães

A Associação Internacional para o estudo da dor (Internacional Association for the Study of Pain - IASP) descreveu a dor como sendo uma “experiência sensorial ou emocional desagradável associada com uma atual ou potencial lesão ao tecido” (CARROLL, 1999; COPPENS, 2000; TRANQUILLI et al., 2005). A dor é um potente ativador de respostas neuroendócrinas, responsáveis por uma série de alterações fisiológicas que trazem graves consequências a órgãos e sistemas (MASTROCINQUE E FANTONI, 2001; FANTONI, 2012).

O início, a propagação e a percepção da dor são determinadas, tanto na periferia quanto no sistema nervoso central (SNC), por uma série de mediadores químicos (FALEIROS et al., 1997), como as prostaglandinas, leucotrienos, bradicininas, serotoninas, substância P e histamina (ANDRADE, 2008b). Os efeitos da dor se manifestam em diversos sistemas orgânicos podendo gerar vários transtornos, que levam a um maior risco de infecção, retardo na cicatrização, diminuição no consumo alimentar e hídrico, que consequentemente, acabam acarretando no retardo da recuperação do paciente (TRANQUILLI et al., 2005), além de alterações nos sistemas cardiorrespiratório anteriormente citados e digestório, como atonia, hipotonia e predisposição a ulcerações (BARRATT, 1997).

A dor é um fenômeno dinâmico, em que vários mecanismos fisiopatológicos podem mudar as suas características e consequências. Assim, a dor pode ser classificada como: fisiológica (protetora, adaptada), inflamatória (aguda - protetora, adaptada - ou persistente, mal-adaptada) e neuropática (mal-adaptada, crônica, patológica). Em cães, são caracterizadas como doenças crônicas, as neoplasias e as doenças articulares degenerativas (DAD) como: osteocondrose, osteoartrite (OA), ruptura de ligamento cruzado, displasia coxofemoral (DCF), displasia de cotovelo, luxação de patela e hiperextensão do carpo (WISEMAN et al., 2006).

O limiar da dor é o ponto em que um estímulo é intenso o suficiente para ativar os nociceptores periféricos, gerando o potencial de ação que é conduzido até os centros superiores no sistema nervoso central (SNC). A percepção da sensação de dor e o impacto que esta tem no indivíduo variam de acordo com a espécie, raça, estado de saúde, idade e até experiências anteriores (SHORT et al.,1998; BUFALARI et al., 2007). Os processos neurofisiológicos envolvidos na detecção, transdução e transmissão de informação nociva por nervos periféricos e a sua retransmissão para o sistema nervoso central (SNC) parecem essencialmente semelhantes em todos os mamíferos. Todavia, a variação individual na

sensibilidade à dor e na resposta aos analgésicos dentro das diferentes espécies têm sido identificadas e estudadas (VIÑUELA-FERNANDEZ et al., 2007).

Historicamente, pensava-se que os animais não sentiam dor ou que esta era percebida de forma diferente dos humanos. Adicionalmente, durante um tempo foi sugerido que a dor seria benéfica após lesão ou cirurgia, porque limitava o movimento, ajudando na recuperação do paciente e impedindo novas lesões (HELLYER et al., 2007a).

Com o passar dos anos a preocupação com a forma de uso dos animais em pesquisas científicas e as práticas irrepreensíveis no passado, começaram a causar o repúdio da sociedade. A associação para o Estudo do comportamento animal e da sociedade de comportamento animal contribuiu com este pensamento, pela divulgação de diretrizes sobre como a dor, o sofrimento, o estresse e a ansiedade nos animais são desenvolvidos e reconhecidos (BATESON, 1991; SHORT, 1998).

Por isso, se mostra importante a análise dos parâmetros basais do animal no momento em que ele chega ao ambiente hospitalar, principalmente quando este passará por algum procedimento cirúrgico (FIRTH E HALDANE, 1999).

A SDS consiste em um método de avaliação da dor de menor complexidade, podendo ser dividida em quatro ou mais categorias: ausência de dor, dor leve, dor moderada e dor grave (CASTRO, 2008).

A dor crônica é a causa mais frequente de sofrimento e incapacidade, prejudica a qualidade de vida dos animais e interfere nas atividades diárias normais, como sono, lazer, alimentação, higiene e interação com o proprietário. Apesar dos avanços na avaliação e controle da dor em animais, quando se trata de dor crônica, dada a maior complexidade do diagnóstico e limitação do tratamento, o fenômeno pode ser subestimado e os animais subtratados (MATHEWA et al., 2014; EPATEIN et al., 2015). Os médicos veterinários são os principais avaliadores da dor aguda, a partir do uso de ferramentas bem consagradas (REID et al., 2007), entretanto a identificação da dor crônica deve ser atributo do proprietário, pois baseia-se em alterações comportamentais cotidianas, graduais, sutis e somente perceptíveis para quem é familiarizado com o comportamento normal e convive com o animal (WISEMAN et al., 2006).

Como indivíduos, nós entendemos o impacto negativo da dor em nossas vidas e esperamos que ela seja tratada de forma eficaz. Como veterinários, deve se ter uma obrigação moral, ética e médica de tratar a dor nos animais (VIÑUELA-FERNANDEZ et al., 2007).

Segundo o guia publicado pela AAHA/AAFP (American Animal Hospital Association /American Association of Feline Practioners) (2007), os sinais gerais de dor são: alteração de

comportamento, manifestação anormal de comportamento, reação ao toque e alteração de parâmetros fisiológicos. Respectivamente, podem ser exemplificados como letargia, relutância em andar e falta de apetite. Vocalização, agressividade e alteração de postura. Aumento da tensão muscular ao toque e ou palpação da área incisionada (sitio cirúrgico) ou mesmo da área próxima. Aumento da frequência cardíaca, frequência respiratória, temperatura corporal e dilatação da pupila identificar sinais de dor em cães de passeios e atividades recreativas as mudanças comportamentais que podem indicar a presença de dor incluem vocalização, agitação, agressão, diminuição do apetite, falta de interação com membros da família e posturas anormais. Além disso, podem estar presentes alterações no padrão de sono, na resposta à manipulação, na 15 expressão facial e claudicação (FIRTH E HALDANE, 1999; HOLTON et al., 2001; YAZBEK, 2008, HELLYER et al., 2007).

Segundo Kahvegian (2018), as principais alterações relacionadas à dor são: **Alterações de parâmetros:** Aumento frequência cardíaca, aumento frequência respiratória, aumento pressão arterial e midríase**. Alteração postura e ambulação**: Posição antiálgica, curvada, proteção da área dolorida, postura de prece, paciente rígido e tenso. Ataxia, fraqueza, dificuldade ou recusa em mover-se, levantar, sentar, deitar ou saltar. Instabilidade de marcha, falta de equilíbrio, impotência funcional, impossibilidade de efetuar movimentos de flexão e extensão, claudicação, hiperreflexia, espasticidade, alterações na propriocepção e destreza. **Alteração na Atividade:** Paciente se movimentando continuamente ou animal em estação constantemente ou em decúbito prolongado. Prostração, depressão, agitação. **Alteração na Atitude**: Paciente demostrando nervosismo, medo, indiferença, agressividade, atitudes não esperadas ou indiferença ao ambiente. Paciente chora, geme, grita, rosna ou tenta morder o observador. Olha para ferida cirúrgica, esfrega, lambe ou mastiga a ferida ou área dolorida. Permanece na gaiola ou reluta em movimentar-se, não interage com o observador. Paciente reluta, foge, é indiferente ou apresenta agressividade quando estimulado a interagir com o observador. Paciente não demostra interesse pelas suas brincadeiras ou comidas favoritas e **outros sinais**: Retenção urinária, constipação, náuseas, vômitos, dispneia, broncoconstrição, salivação excessiva. Tremores, espasmos musculares. Anorexia, hiporexia.

De acordo com Fantoni et al. (2000), a determinação de que um animal sente dor e necessita de tratamento analgésico, usualmente, está baseada na observação das alterações comportamentais e sinais clínicos (Tabela 1).

Tabela 1: Principais sinais comportamentais e clínicos associados à dor em pequenos animais.

Sinais Comportamentais	Sinais Clínicos
Diminuição na ingestão de alimentos	Midríase (dilatação pupilar)
Proteção da área afetada	Hiperglicemia
Inquietação	Taquicardia
Insônia	Taquipneia
Vocalização	Arritmias cardíacas
Lambedura ou mordedura da área afetada	Aumento na pressão sanguínea
Medo	Vasoconstrição periférica
Diminuição da atividade	Redução do peristaltismo

Fonte: Bistner et al. (2002).

Várias escalas de dor têm sido introduzidas na prática clínica de pequenos animais (LUNA, 2008), caracterizadas como métodos subjetivos de quantificação da dor (IMAGAWA, 2006). Estas escalas se baseiam principalmente no comportamento do paciente e as mais utilizadas para a quantificação da dor em animais são: Escala Analógica Visual (VAS); Escala Numérica Visual (RNS); Escala Simples Descritiva (SDS) (MATHEWS, 2000). A VAS é um método que possui um formato de linha reta não numerada, apresentando o comprimento de 10 cm, sendo o início da linha representado pelo 0 (zero), interpretado “ausência de dor” e a outra extremidade é representada pelo 10 (dez), indicando “pior ou maior dor” experimentada pelo paciente. O observador treinado deve colocar um ponto nesta reta durante a avaliação, supondo o grau de dor que o animal esteja padecendo (CÔRTES, 2006; CASTRO, 2008). A RNS é um método similar de quantificação da dor, todavia o avaliador não marca um ponto em uma reta, e sim, promove uma pontuação numérica de acordo com as atividades do paciente, que são divididas dentro de categorias de comportamentos (CASTRO, 2008).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de Estudo

O estudo foi realizado em cães que fazem caminhada diariamente com seus respectivos tutores, na cidade de João Pessoa-PB, entre os meses de junho a setembro de 2022. Tratou-se de um estudo observacional com amostragem por conveniência, que visou como interesse coletar dados de uma população que se encontrava disponível.

4.2 Local de Estudo

A coleta dos dados foi realizada em três locais: Praça Vereador Potengi Lucena Praça Inocoop- Cristo Redentor/ João Pessoa- PB, Av. Alm. Tamandaré, s/n - Cabo Branco, João Pessoa - PB, 58039-010, Busto de Tamandaré/ João Pessoa-PB e Parque Linear Parahyba, R. Cel. José Gomes de Sá Filho - Jardim Oceania, João Pessoa – PB 58037-326.3.

4.3 População e Amostra

A pesquisa foi realizada em 2 Turnos (Tarde e Noite), no qual, em cada local recebeu duas visitas em turnos distintos para coleta dos dados. Os turnos escolhidos são por um fluxo maior de pessoas passeando e caminhando com os cães. Foram entrevistados 64 tutores ativos em caminhada diária para a confecção da pesquisa, as quais responderam 28 perguntas do questionário, que subsidiou o objetivo da pesquisa sobre percepção de dor em cães de caminhada.

4.4 Instrumento de Coleta de Dados

Com propostas de avaliar a percepção de dor em seus cães, levando em consideração os sinais de dor apresentados, foi realizado um questionário presencial, em que teve perguntas relacionadas à percepção do tutor sobre a questão de dor em seus cães, levando em consideração os sinais apresentados na literatura.

4.5 Procedimento para Coleta de Dados

A coleta de dados foi aplicada por questionário disposto no Apêndice B, com a elaboração de questões relacionadas à temática de forma impressa no qual os participantes

responderam de acordo com as suas percepções de dor em cães. Os dados foram armazenados em planilhas próprias, nas quais não ocorreu vazamento de informações.

4.6 Análise dos Dados

Foi realizada pela análise descritiva, de acordo com os dados coletados em questionários e realizado análise estatística, com confecção de tabelas e gráficos.

4.7 Aspectos Éticos

A pesquisa foi realizada conforme disposições da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que trata de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012), assim como de acordo com o Código de Ética do Médico-Veterinário (Resolução CFMV n .1138). A pesquisa inicialmente foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da FACENE (CEP), e após a sua aprovação com o número de protocolo: 59140022.519 se iniciou a pesquisa com os tutores de cães de passeio.

Para responder o questionário os tutores foram submetidos a questões rápidas que assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) disposto no Apêndice A.

4.7.1 Riscos e benefícios da pesquisa

Todas as pesquisas com seres humanos envolvem riscos e benefícios de formas variadas (BRASIL, 2012). Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes. Neste sentido, sinaliza-se que o estudo poderá oferecer risco mínimo por haver algum tipo de constrangimento em responder às questões de natureza avaliativa, no entanto, as perguntas serão claras e objetivas, e não invasivas.

A pesquisa atuou de acordo com a resolução 466/2012. Em que deve se respeitar o sigilo na identificação do participante; o questionário será individual. Cada questionário teve Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de forma clara, para que o participante tivesse a noção da pesquisa, e houve a opção concordo e discordo em responder o questionário, somente teve acesso às perguntas depois que se deu o seu consentimento, com o poder de não responder as questões que acharem que não é de sua competência ou vontade. Ou seja, o participante da pesquisa, recebeu o questionário que foi claro, o consentimento foi previamente apresentado e, caso não concorde em participar, será considerado anuência

quando responder ao questionário/formulário ou entrevista da pesquisa. Assim como, ficam excetuados os processos de consentimento previstos no Art. 4° da Resolução CNS nº 510 de 2016.

Na modalidade presencial, o risco previsível estará no desconforto que pode ser gerado pela dúvida de que a resposta foi registrada de forma fidedigna em via presencial. Não houve perguntas que pudessem identificar o participante e o perfil conforme os objetivos foram mantidos em sigilo.

Em relação aos benefícios, a pesquisa foi essencial para buscar sinais clássicos de dor em cães durante atividades físicas juntos com seus tutores, contribuindo para o diagnóstico precoce de doenças ortopédicas e articulares, minimizando os riscos de patologias secundárias e crônicas.

5 DESFECHO PRIMÁRIO

Espera-se que com a percepção dos tutores de cães, possa-se proporcionar conhecimento aos tutores, aumentando a qualidade de vida dos cães, assim como prevenção para que as doenças sejam identificadas o mais rápido possível e possa garantir o bem-estar do cão e da família.

6 DESFECHO SECUNDÁRIO

Entende-se que os tutores adquirindo a percepção dos sinais possam levar os seus cães ao Médico Veterinário para identificação e exame físico, assim como tratamento do que esteja gerando a dor, ou seja principalmente das patologias ortopédicas.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 1, os resultados demonstram que 53% dos entrevistados possuem ensino superior e com prevalência de 61% com idade entre 18 a 30 anos, o que caracteriza o maior perfil desta pesquisa.

Tabela 02: Identificação dos dados sociodemográficos dos participantes da entrevista. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

Variável	**n**	**%**
ESCOLARIDADE		
Não alfabetizado	5	8
Ensino fundamental	4	6
Ensino Médio	12	19
Ensino Superior	34	53
Pós-Graduação	9	14
Total	**64**	**100**
IDADE		
18 a 30 anos	39	61
31 a 45 anos	10	16
46 a 55 anos	9	14
Mais de 55 anos	6	9
Total	64	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que a maioria dos tutores de cães possui um alto grau de escolaridade, tornando um perfil característico isso quer dizer que são pessoas que possuem habilidades que possam ajudar a identificação.

Foi observado que a maioria dos tutores faz caminhada com seus cães, não terceirizam essa tarefa (Gráfico 01), eles mesmo caminham com seus cães.

Gráfico 01: Identificação dos responsáveis pelo cão. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

Fonte: Dados da pesquisa.

Isso quer dizer que os proprietários têm muita responsabilidade com seus cães, criam como seus filhos, no entanto, ao longo dos estudos para avaliação do grau de conhecimento dos tutores em relação aos seus animais, não são todos que demonstraram ter os conhecimentos necessários sobre bem-estar animal. Sabendo disso, é importante que o tutor esteja atento e tenha conhecimento de informações básicas acerca do seu cão, pois cada raça possui peculiaridades e demandas diferentes. Se faz necessário ressaltar também, a importância da atividade física tanto para o animal, como para os seus proprietários. Além de ser prazeroso para o cão, de proporcionar saúde, evitar sobrepeso, melhorar o humor e temperamento e estimular os sentidos do animal, a inserção de atividades físicas na rotina também traz benefícios para o tutor.

Dos participantes da pesquisa, foi observado que a maioria caminham com seu animal em até duas vezes por semana (70%) e apenas (19%) caminham todos os dias (Tabela 03).

Tabela 03: Frequência de passeios do cão, exercício físico, se alegra ao passear, ferida. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

Variável	n	%
O seu cão caminha com qual frequência?		
Até duas vezes por semana	45	70
Até 4 vezes por semana	7	11
Todos os dias	12	19
Total	**64**	**100**
O cão faz outro tipo de exercício físico fora a caminhada?		
Não	64	100
Total	**64**	**100**

O seu cão se alegra ao identificar que irá passear?		
Sempre	57	89
Frequentemente	6	9
Nunca	1	2
Total	**64**	**100**
O seu cão possui ou possuiu em algum momento da vida alguma ferida?		
Sim	15	23
Não	49	77
Total	**64**	**100**
Caso a sua resposta anterior seja sim, quanto a ferida, quando tocada o cão reage?		
Rosna ou protege a ferida	6	40
Não reage	4	27
Pouca atenção	3	20
Está indiferente	2	13
Total	**15**	**100**

Fonte: Dados da pesquisa.

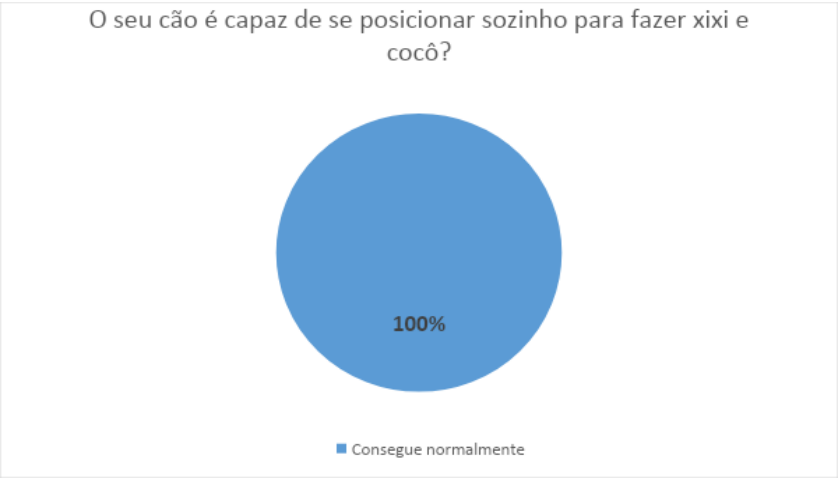
Diante desse resultado sobre quantidade de dias para as atividades é um ponto a ser alertado, pois segundo (MOTTA, 2009) a prática de atividades físicas, como levar os cães para caminhar, auxiliam no fortalecimento dos ossos, melhora a circulação sistêmica, reforça os músculos e contribui para mantença do peso ideal, beem como, um cão com uma boa atividade física demonstra um estado melhor de alerta, boa socialização e, o mais importante, promove longevidade, promovendo a melhor qualidade de vida.

Ao serem questionados se os cães demonstram felicidade ao passeio, 89% dos cães expressam muita alegria em realizar a atividade, além de contribuir para o bem estar do animal, contribui para de seus tutores. De acordo com (MARCUSSO et al., 2020) Pessoas que convivem com animais de forma saudável tendem a ter menos histórico de depressão, estresse, mau humor, o que gera melhor qualidade de vida de idosos, crianças e pessoas deficientes, Segundo (BABÁ et al., 2015) o excesso de peso em animais obesos colabora para o surgimento de doenças ligadas ao sistema locomotor, como problemas articulares e o desenvolvimento de artrite.

Em relação se o cão já apresentou alguma ferida durante a vida, 23% afirmaram que sim, e dentre esse grupo, 40% rosna ou protege a ferida, o que sinaliza dor já que animais com dor podem ficar deprimidos e indiferentes ao meio, ou ao contrário, extremamente agressivos e agitados, quando há dor. Os principais sinais clínicos da inflamação são edema, dor, aumento de temperatura e eritema ao redor da ferida e, esta fase dura de 2 a 5 dias após a lesão (MENDONÇA; COUTINHO-NETO, 2009). Pode-se observar também dificuldade para repousar, inapetência, tentativas de lamber, morder e / ou coçar a região dolorida. Há alterações na postura corporal com relutância em deitar-se e movimentar-se, para proteger a área dolorida, o que justifica onde 11% se apresentam agitado e 6% rígido quando se refere à postura do cão (IMAGAWA, 2006).

Os tutores relataram que os animais não sentem desconforto para realizar suas atividades (Gráfico 02).

Gráfico 02: Identificação da posição do animal ao realizar as necessidades fisiológicas. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

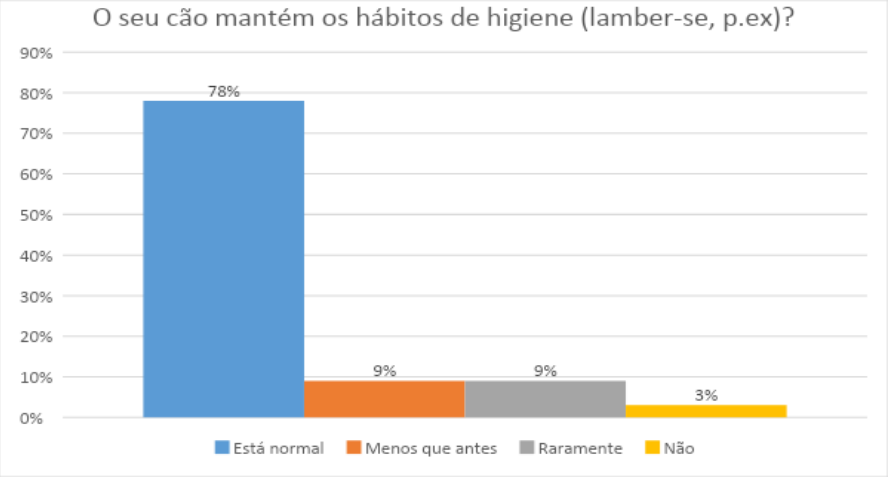


Fonte: Dados da pesquisa.

A dificuldade do animal em se posicionar para realizar as necessidades fisiológicas pode representar que o animal está sem dor, saudável. Hellebrekers (2002) indica algumas das principais mudanças comportamentais nos animais, relacionadas à dor crônica são: decúbito; arqueamento de corpo; inapetência; claudicação; dificuldade de pular, correr ou andar; diminuição da auto limpeza; automutilação, lambedura excessiva e vocalização.

No gráfico 03, observa-se que os tutores afirmaram (78%) que os animais mantêm os hábitos de higiene, 9% afirmaram que menos que antes, 9% raramente e 3% nunca mantiveram seus hábitos de higiene.

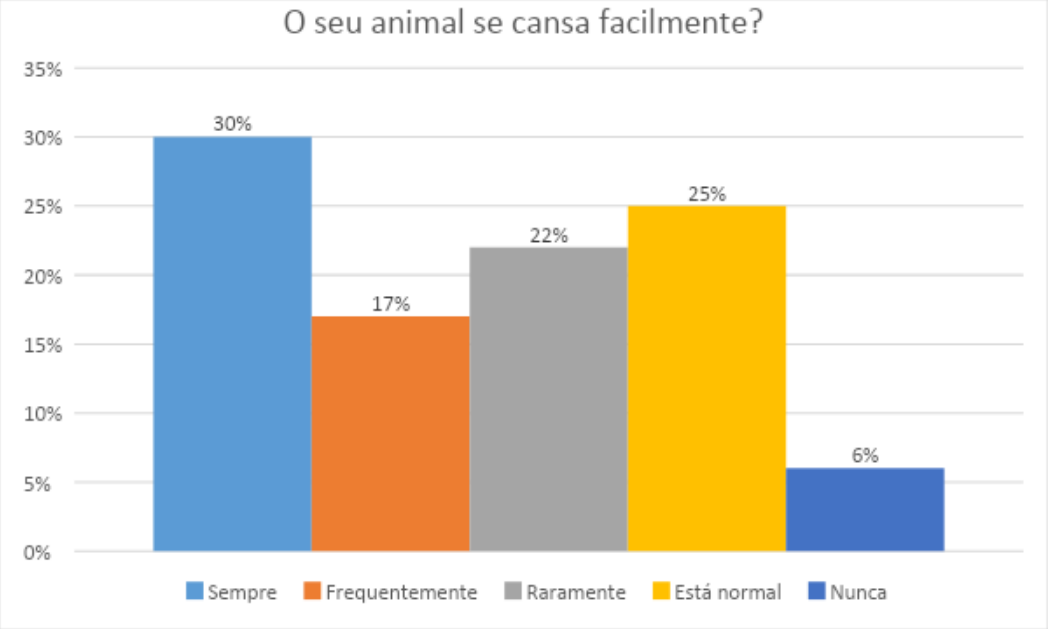
Gráfico 03: O animal mantém os seus hábitos de higiene. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).



Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre o nível de cansaço dos animais ao realizar a atividade, observa-se que 30% sempre se cansa facilmente, 17% frequentemente, 22% raramente, 25% normal e 6% nunca se cansou facilmente (Gráfico 04).

Gráfico 04: Dados sobre o cansaço do animal. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

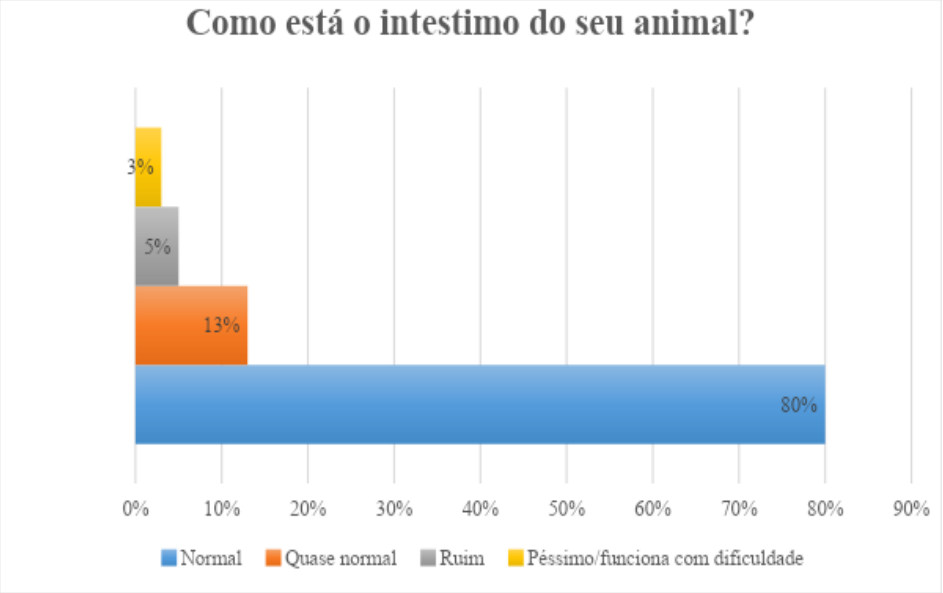


Fonte: Dados da pesquisa.

Referente ao cansaço do animal, 30% dos tutores informou que o cão se cansa sempre, o que atenta a possível manifestação de dor sinalizado pelo animal, as escalas compostas para avaliar a dor se difundiram pela facilidade em associar alterações comportamentais e fisiológicas específicas com a dor nos animais. Contudo, a intensidade da dor pode ser relacionada com a magnitude da mudança comportamental (BUFALARI et al., 2013).

De acordo com o gráfico 05, pode-se observar que 80% dos tutores, a maioria dos entrevistados afirmou que o intestino do seu animal está normal após as caminhadas, 13% quase normal, 5% ruim e 3% péssimo/funciona com dificuldade.

Gráfico 05: Dados sobre a variação da apresentação do intestino do animal. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

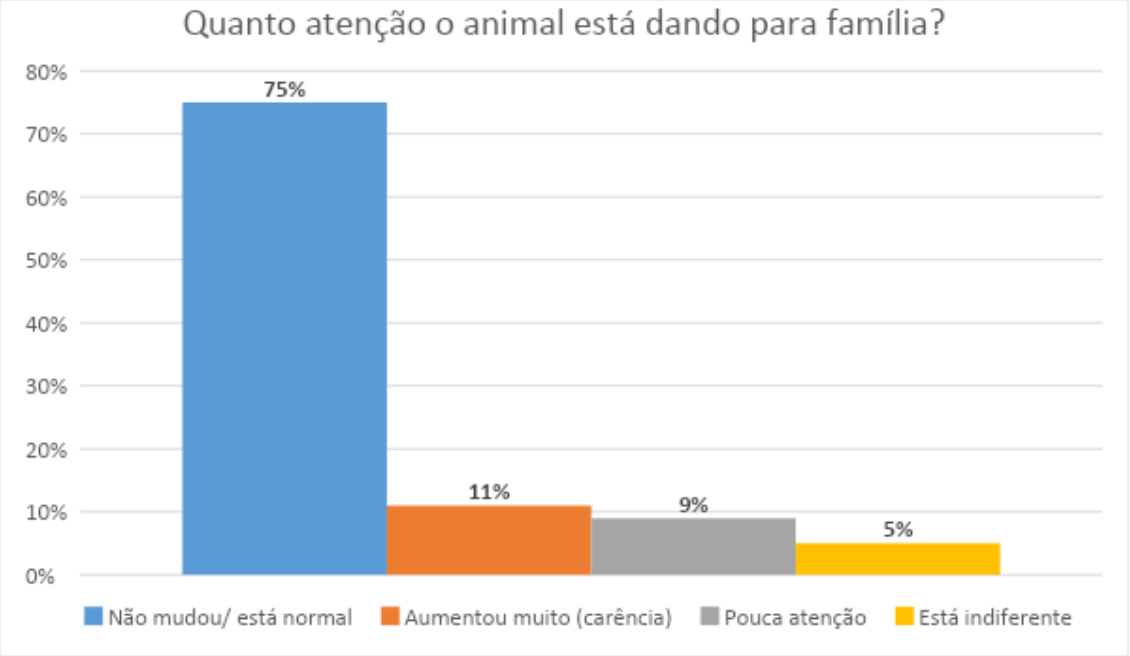


Fonte: Dados da pesquisa.

Alguns tutores, relataram problemas intestinais em seus cães, a defecação de forma inapropriada pode ser caracterizada como perda de controle da situação na caminhada, fazendo com que ocorra ativação do sistema nervoso parassimpático, como afirmado por (APPLEBY E PLUIJMAKERS, 2013).

De acordo com o gráfico 06, 75% dos tutores afirmaram que os animais não alteram a atenção ofertada a família após as caminhadas, 11% aumentou muito (carência), 9% dão pouca atenção à família e 5% está indiferente.

Gráfico 06: Identificação da atenção que os cães oferecem à família após caminhadas. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

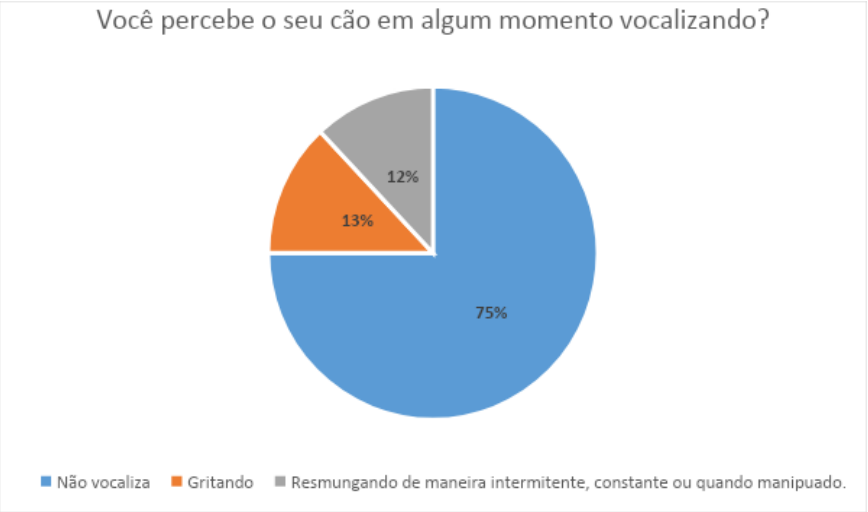


Fonte: Dados da pesquisa.

O cão é uma espécie totalmente sociável, por isso apresenta comportamentos que indicam uma ligação excessiva com seus tutores, chamada de hipervinculação, considerada como principal fator etiológico à ocorrência da SAS (SPILLER et al., 2012). Como cita Hellebrekers (2002) algumas das principais mudanças comportamentais nos animais, relacionadas à dor crônica são, solicitação de carinho constante ou tendência ao isolamento e/ou agressividade.

Como se observa no Gráfico 07, 75% dos entrevistados não observam seus cães vocalizando, 13% gritando e 12% resmungando de maneira intermitente, constante ou quando manipulado.

Gráfico 07: Percepção dos entrevistados sobre a apresentação de vocalização dos animais. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).



Fonte: Dados da pesquisa.

No entanto, 13% se apresentou vocalizando gritando e 12% resmungando de maneira intermitente, constante ou quando manipulado, essas mudanças comportamentais que podem indicar a presença de dor incluem vocalização, agitação, agressão, diminuição do apetite, falta de interação com membros da família e posturas anormais. Além disso, podem estar presentes alterações no padrão de sono, na resposta à manipulação, na expressão facial e claudicação (FIRTH e HALDANE, 1999; HOLTON et al., 2001; YAZBEK, 2008). A gravação ou registro dos sons produzidos pelo cão pode auxiliar na definição de sua origem por um especialista em comportamento animal (SILVA, 2009).

De acordo com a tabela 03, quando perguntados, sobre se o animal apresenta algum comportamento anormal, 86% afirmaram inquietude, 5% não se movimentam e 9% cambaleando. Em relação à postura, 83% apresentam-se confortável, 11% agitado e 6% rígido. Em uma avaliação geral, foram descritos por seus tutores, 66% feliz e contente, 22% quieto, 13% nervoso, ansioso ou temeroso.

Tabela 04: Variáveis quanto ao comportamento do animal. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

Variável	**n**	**%**
O seu cão apresenta algum comportamento anormal?		
Inquieto	55	86
Não se movimenta	3	5

Cambaleando	6	9
Total	**64**	**100**
Em relação à postura, o cão parece:		
Confortável	53	83
Agitado	7	11
Rígido	4	6
Total	**64**	**100**
Em uma avaliação geral, você considera o seu cão:		
Feliz, contente.	42	66
Quieto	14	22
Nervoso, ansioso e temeroso	8	13
Total	64	100

Fonte: Dados da pesquisa.

O número de 66% dos entrevistados afirmou que o seu cão parece estar feliz e contente, mesmo com a resposta anterior, 86% dos entrevistados afirmaram que o animal se apresenta inquieto, segundo Broome Fraser (2010) a mensuração do comportamento depende do momento e de como são feitas as observações comportamentais, em relação a postura e avaliação geral quando um cão manifesta comportamento de agressividade, sinaliza sua condição de insatisfação ou descontentamento por meio de uma série de sinais, caso a agressão se consuma, será pela falta de percepção ou incorreta interpretação desses sinais. Como demonstra a tabela 04, 91% dos entrevistados afirmaram que os cães apresentam interesse pelas suas brincadeiras e comidas favoritas, apenas 9% não possuem esses interesses. Em relação a se o cão apresenta um ou mais desses sinais: Retenção urinária, constipação, náuseas, vômitos, dispneia, bronco constrição e salivação excessiva, 22% apresentaram que sim, e 78% que não.

Sobre escutar as unhas dos animais ao caminhar, em contato com o chão, 30% afirmaram que sim e 70% que não escutam. 28% afirmaram que seus animais coçam a cauda

e 72% que não possuem esse hábito. Sobre o cão apresentar instabilidade de equilíbrio (patinar) ao levantar, 92% afirmaram que não e 8% que sim.

Tabela 05: Dados sobre interesse em brincadeiras e sinais de dor. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

Variável	n	%
O cão apresenta interesse pelas suas brincadeiras e comidas favoritas?		
Sim	58	91
Não	6	9
Total	**64**	**100**
O seu cão apresenta um ou mais desses sinais: Retenção urinária, constipação, náuseas, vômitos, dispneia, bronco constrição e salivação excessiva?		
Sim	14	22
Não	50	78
Total	**64**	**100**
Ao caminhar, você escuta o som das unhas do seu animal em contato com o chão?		
Sim	19	30
Não	45	70
Total	**64**	**100**
Você percebe que o seu cão coça a região da cauda?		
Sim	18	28
Não	46	72
Total	**64**	**100**
O seu cão apresenta instabilidade de equilíbrio (patinar) ao levantar?		
Sim	5	8
Não	59	92
Total	**64**	**100**

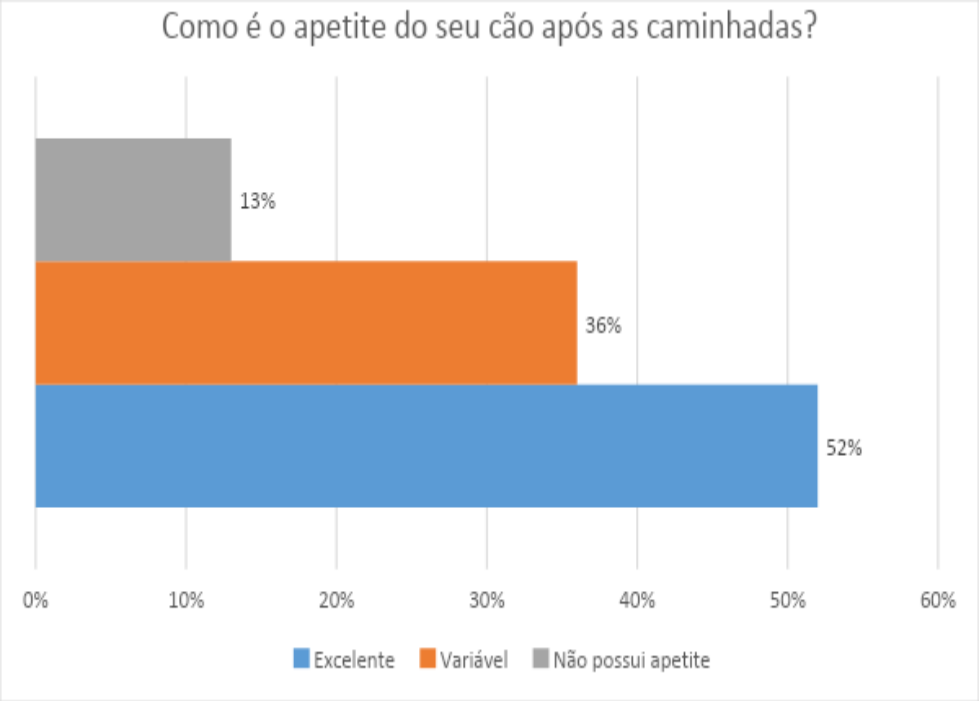
Fonte: Dados da pesquisa.

91% dos tutores disseram que os animais preservam o interesse por suas brincadeiras preferidas, apenas 22% afirmaram que o animal apresenta um ou mais desses sinais como Retenção urinária, constipação, náuseas, vômitos, dispneia, broncoconstrição e salivação excessiva, 30% dos entrevistados escutam o som das unhas dos animais no chão, o que caracteriza que aquele membro não está sendo utilizado da maneira correta e não está havendo um desgaste, o que justificaria a falta de uso adequado do membro e falta de desgaste das unhas, na patinação ao se levantar, onde 8% afirmaram que visualizam essa dificuldade no cão.

Um total de 28% explanaram que o cão coça a região da cauda, o que em alta frequência e intensidade é capaz de causar a automutilação (auto-agressão), que se caracteriza por alguns sinais, como por lambedura, mastigação, arranhadura e fricção de uma parte do corpo, podendo ser considerada um distúrbio comportamental (PARKER, 1992)

Sobre o apetite do cão após as caminhadas, 52% afirmaram que é excelente, 36% variável e 13% não possui apetite (Gráfico 08).

Gráfico 08: Informações sobre o apetite do animal após caminhadas. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).



Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que a percepção (Tabela 05), os entrevistados afirmaram que 27% dos animais nunca sentiram dor, 55% raramente, 16% frequentemente e 3% sempre.

Tabela 06: Percepção dos entrevistados sobre a presença de dor no animal. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

Variável	n	%
Você acha que o seu cão sente dor?		
Nunca	17	27
Raramente	35	55
Frequentemente	10	16
Sempre	2	3
Total	**64**	**100**

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos tutores, 27% afirmaram que os seus cães nunca sentiram dor. De acordo com Hellyer (2007), em que cita sobre os animais sentem dor e que as diferentes técnicas de avaliação geralmente realizadas em seres humanos não são precisas em animais, o desafio passa a ser a identificação e interpretação dos sinais de dor no paciente veterinário, como os animais não podem verbalizar o que sentem, toda a avaliação depende de um observador humano, é subjetivo em algum momento e pode gerar em erros ao se implementar a terapia analgésica.

Como descreve na tabela 06, houve uma variação de raças dos cães que participaram na pesquisa.

Tabela 07: Dados sobre as raças dos animais e faixa etária. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).

Variável	n	%

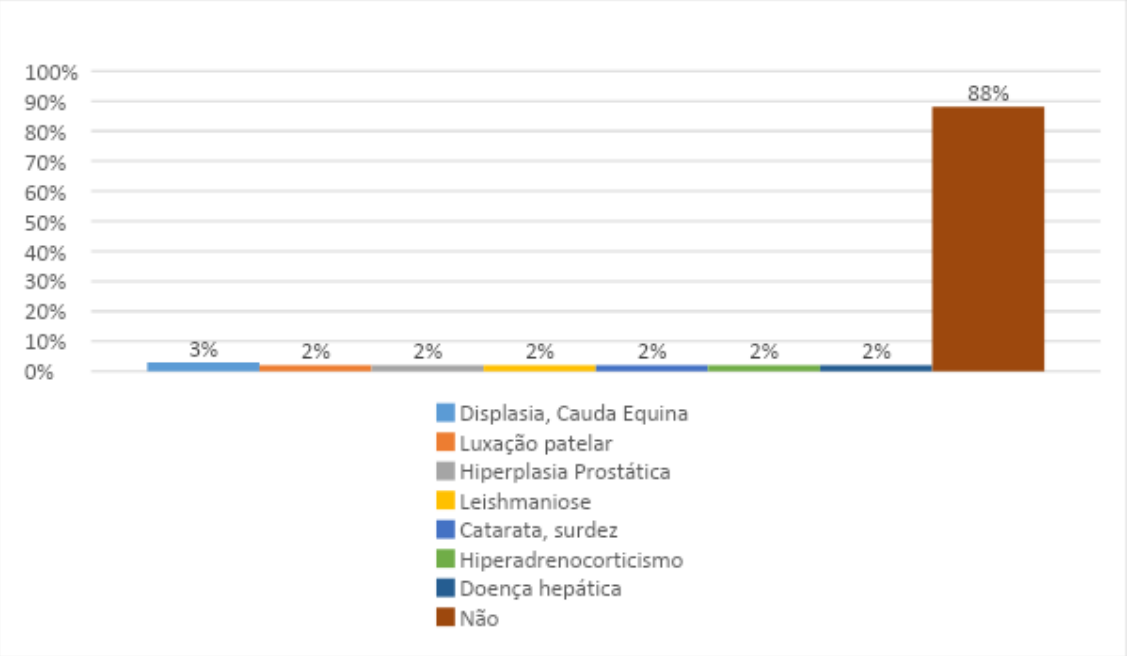
Qual a raça do cão?		
SRD	14	22
Schnauzer	2	3
Rottweiler	1	2
Pisncher	4	6
Akita	3	5
Poodle	7	11
Golden retriever	4	6
Yorkshire	4	6
Pit Monster	1	2
Pitbull	2	3
Maltês	2	3
Shih tzu	3	5
Shiba	1	2
Beagle	1	2
Shar-pei	1	2
Pug	1	2
Labrador retriever	1	2
Cocker spaniel inglês	2	3
Husky siberiano	2	3
Chow chow	3	5
Lhasa apso	1	2
Dachshund	1	2
Boxer	1	2
Cane corso	1	2
Dálmata	1	2
Total	**64**	**100**
Qual idade do cão?		
4 meses a 1 ano	10	16
2 a 3 anos	14	22
4 a 5 anos	11	17
6 a 8 anos	9	14
9 a 10 anos	12	19

acima de 10 anos	8	13
Total	**64**	**100**

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto às raças dos animais, a amostra da pesquisa foi diversificada, o que possibilitou ampliar as entrevistas para animais de todos os portes, a idade dos cães variou dos primeiros meses de idade até acima de 10 anos (Tabela 06). Quanto a patologias, 88% de acordo com os tutores não apresentam patologia, 3% displasia, cauda equina, 2% Luxação Patelar, 2% Hiperplasia Prostática, 2% Leishmaniose, 2% Catarata, Surdez, 2% Hiperadrenocorticismo e 2% Doença Hepática. (Gráfico 10).

Gráfico 09: Identificação e diagnóstico de doenças anteriores nos animais. João Pessoa-PB, Brasil, 2022 (n=64).



Fonte: Dados da pesquisa.

Algumas patologias foram citadas, como Displasia Coxofemoral (DCF) que é uma alteração do desenvolvimento que afeta a cabeça e colo femoral, e o acetábulo. Sua transmissão é hereditária, recessiva, intermitente e poligênica. Fatores nutricionais, biomecânicos e de meio ambiente, associados à hereditariedade, pioram a condição da displasia (SOMMER, 1998), demonstrando mais uma vez que os animais eram super saudáveis e a Luxação Patelar onde a fisiopatologia da luxação congênita não está inteiramente compreendida, visto haver poucos dados objetivos para sugerir quais das deformidades associadas contribuem para a indução da luxação e quais desenvolvem como consequência do deslocamento patelar (L‟EPLATTENIER E MONTAVON, 2002), o que reafirma o quanto os animais da entrevistas são considerados saudáveis por seus tutores, levando em consideração da porcentagem alta de animais que não apresentam nenhuma doença anterior.

8 CONCLUSÃO

Pode-se concluir que a possibilidade de estabelecimento da dor no cão por seu tutor ainda é uma tarefa desafiadora, pois na pesquisa não foi reconhecida um número significativo na identificação dos tutores nos sinais clínicos da dor, que por vezes são apresentados de maneira severa geradora dos sinais de dor.

A partir da pesquisa, é afirmada a importância do acompanhamento por um Médico Veterinário em rotina, para que ele possa identificar os sinais de dor apresentados durante a vida do animal quando presente, levando ao reconhecimento da dor de maneira adequada, gerando qualidade de vida e bem estar ao animal, e até mesmo indicando quanto tempo de exercício esse animal pode fazer, e quais tipos de exercícios.

Vale ressaltar, a importância de instigar a conscientização dos tutores para a questão, pois sinais de dor apresentados e identificados de maneira correta e precoce podem desenvolver diagnósticos e prevenção, gerando uma vida com qualidade e livre de dor para os animais. O desenvolvimento deste trabalho gerou um alerta, para que todos, tutores e responsáveis da área da Medicina Veterinária possam se atentar às questões apontadas e identificadas.

9 CRONOGRAMA

ETAPAS	2022									
	Mar	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**
Delimitação do tema			X							
Revisão de literatura			X	X	X	X	X	X		
Elaboração do projeto			X							
Entrega do projeto à banca examinadora				X						
Apresentação do projeto à banca examinadora				X						
Envio do trabalho ao CEP				X						
Aplicação do questionário					X	X	X			
Análise e Discussão de dados							X	X		
Escrita do TCC			X	X	X	X	X	X		
Defesa do TCC								X		
Envio do relatório ao CEP								X		

10 ORÇAMENTO

Os itens abaixo correspondem aos materiais permanentes e de consumo, bem como a prestação de serviços necessários para operacionalização da pesquisa. Ressalta-se que o financiamento destes itens foi de total responsabilidade da pesquisadora.

ITENS		**VALOR (R$)**	
MATERIAIS PERMANENTES		**Unitário**	**Total**
Notebook	01	3.000,00	3.000,00
Pen drive	01	30,00	30,00
MATERIAIS DE CONSUMO			
Resma de papel	01	20,00	20,00
Cartucho para impressão	01	80,00	80,00
Pasta classificadora	1	10,00	10,00
Passagens de Ônibus	18	4,15	74,70
PRESTAÇÃO DE SERVIÇO			
Revisão Ortográfica	01	140,00	140,00
Encadernação	06	20,00	120,00
Brochura	01	40,00	40,00
VALOR TOTAL:	**3.514,70**		

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. A.; ALMEIDA, L. P. e BRAGA, P. F.F. **Aspectos psicológicos na interação homem - animal de estimação.** In: IX Encontro Interno & XIII Seminário de Iniciação Científica, Uberlândia, p. 1-6, 2008.

ALVES, N. D.; RODRIGUES, A. M. B.; FEIJÓ. F. M. C.; et al. **Melhorias do aprendizado com crianças com deficiência através da terapia assistida por animais.** Rev. Omni. Sap., v.1, n.3, p. 77-85, 2022.

ANDRADE, S.F. Analgésicos. In: **Manual de terapêutica veterinária**. 3. ed. São Paulo: Roca, Cap. 6, p. 77-88 (a), 2008.

BARRATT, S. Advances in acute pain management. **International Anesthesiology Clinics**, v.35, p.2734, 1997.

BATESON, P. Assessment of pain in animals**. Animal Behavior**, London, v. 42, n. 5, p. 827-839, 1991.

BISTNER, S.I. et al. Tratamento da dor em pacientes traumatizados. In:. **Manual de procedimentos veterinários & tratamento emergencial**. 7. ed. São Paulo: Roca, p.7-15, 2002.

BUFALARI, A.; ADAMI, C.; ANGELI, G.; SHORT, C.E. Pain assessment in animals. **Veterinary Research Communications. Amsterdam**, v. 31, n. 1, p. 55–58, 2007.

CAETANO, E. C. S. **As contribuições da TAA- Terapia Assistida por Animais à Psicologia**, (Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia). Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, Criciúma, 2010.

CAMPOS, R. S. e BANHATO, E.F.C. **terapia assistida por animais (taa) com idosos residentes em ilpis1**. Cadernos de Psicologia, v. 2, n. 4, p. 709- 731, 2020.

CASTRO, D.S**. Comparação entre o efeito analgésico da morfina e do tramadolepidural em gatos (feliscatusdomesticus)**. Rio de Janeiro, 2008. 48f. Dissertação. (Mestrado em Ciências Veterinárias). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,Rio de Janeiro, 2008.

CATALA, A., GRANDGEORGE, M., SCHAFF, J.-L., COUSILLAS, H., HAUSBERGER, M., & CATTET, J. Dogs demonstrate the existence of an epileptic seizure odour in humans. **Scientific Reports**, 9(1),4103. doi:10.1038/s41598-019- 40721-4, 2019.

CÔRTES, L.A. **Avaliação do perfil analgésicodotramadol através da verificação temporal de sua concentração plamática em cadelas submetidas à ovário-salpingohisterectomia**. São Paulo, 2006. 88f. Dissertação. (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

COSTA, R. M. E. M. **Ambientes virtuais na reabilitação cognitiva de pacientes neurológicos e psiquiátricos**. 2000. 166f. Tese (Doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CROSSMAN, M. K. Effects of interactions with animals on human psychological distress. **Journal of Clinical Psychology**, 73, p. 761-784., 2017

DEGELING, Chris; ROCK, Melanie. „It was not just a walking experience“: reflections on the role of care in dog-walking**. Health Promotion International**, United Kingdom, v. 28, n. 3, p. 397- 406, 2012.

DOTTI, J. **Terapia & Animais.** São Paulo: Livrus, 2005.

DOWNING, R. Pain Management for Veterinary Palliative Care and Hospice Patients, **The Veterinary clinic of North America. Small Animal practice**, New York, v. 41, n.3, p. 531–550, 2011.

DUKES, H.H. **“Fisiologia dos Animais Domésticos”**, 11. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 840 p., 1996.

FALEIROS, R.R.; ALVES, G.E.; MARQUES, A.P. **Dor aguda: vias anatômicas,**

bioquímica e fisiopatologia. Caderno Técnico da Escola de Veterinária da UFMG, n. 21, p.5-14, 1997.

FANTONI, D.T.; KRUMENERI, J.L.; GALEGO, M.P. Utilização de analgésicos em pequenos animais. **Clínica Veterinária**, n.28, p.23-33, 2000.

FARACO, C. B.and Seminotti, N., A Relação Homem-Animal e a Prática Veterinária. **Revista CFMV**, Vol. 10, N. 32, p. 57-62, 2004.

FERNWORN, A. Canine augmentation technology for urban search and rescue. In W. S. Helton (Ed.), **Canine ergonomics: the science of working dogs**. Boca Raton, FL: CRC Press, p. 205-243, 2009.

FERREIRA, Aldo Pacheco. Beneficios terapéuticos por empleo de los animales de compañía en el cuidado de salud de las personas mayores. **Revista Gerencia y Políticas de Salud, Bogotá**, v. 11, n. 22, p. 58-66, 2012.

FIRTH, A. M.; HALDANE, S. L. Development of a scale to evaluate postoperative pain in dogs. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, Shaumburg, v. 214, n. 5, p. 651-659, 1999.

FRANCO, V. L. A relação homem e animal. **Revista Digital Isto É**, 2001.

FREITAS, D. B. A.; MISTIERI, M. L. A.; SOARES, C.D. et al. Desenvolvimento de atividades assistidas por cães e o papel do médico veterinário. **Rev. Ciênc**. Ext. v.14, n.3, p.22-30, 2018.

GARCIA, M. P. **Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.** (Dissertação de mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
GOLBLATT, A., GAZIT, I., & TERKEl, J. Olfaction and explosives detector dogs. W. S. Helton (Ed.), **Canine ergonomics: the science of working dogs**. Boca Raton, FL: CRC Press, p. 136-169, 2009.

HART, B. L. **The behaviour of Domestic Animals**. Nova Iorque: W.H Freeman and Company, (1985).

HAUBENHOFER, D. Signs of physiological stress in dogsperforming AAA/T work. In W. S. Helton (Ed**.), Canine ergonomics: the science of working dogs**. Boca Raton, FL: CRC Press, p. 281-299, 2009.

HELLYER, P.W.; ROBERSON, S.A.; FAILS, A.D. Pain and its management. **Veterinary anesthesia and analgesia**. Fourth edition, Oxford, Blackwell publishing, p.31, 2007b.

HELTON, W. S. Canine ergonomics: introduction to the new science of working dogs. In W. S. Helton (Ed.), **Canine ergonomics: the science of working dogs**. Boca Raton, FL: CRC Press, pp.1-16, 2009.

IMAGAWA, V.H**. Avaliação da eficácia analgésica de três doses diferentes da dipirona sódica em cadelas submetidas à ovariosalpingohisterectomia.** São Paulo, 2006. 122f. Tese. (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JEZIERSKI, T., ADAMKIEWICZ, E., WALCZAK, M., SOBCZYŃSKA, M., GÓRECKA-BRUZDA, A., ENSMINGER, J., & PAPET, E.. Efficacy of drug detection by fully-trained police dogs varies by breed, training level, type of drug and search environment. **Forensic Science International**, 237,112-118. doi: 10.1016/j.forsciint.2014.01.013, 2014.

KAHVEGIAN, M. A. P. Avaliação da dor aguda. In: LOPES, R. S. ; DINIZ, R. **Fisiatria em pequenos animais**. 1. Ed. São Paulo : Editora Inteligene,. ISBN: 978-85-85315-00-9, p 66-76, 2018.

LANTZMAN, M., **"Vida em Matilha, Digo Família"**, 2009.

LUNA, S.P.L. Dor, senciência e bem-estar em animais: sensiência e dor. **Ciência Veterinária nos Trópicos**, v.11, p. 17-21. Suplemento 1, 2008.

MATHEWS K. A. Management of pain. **Veterinary Clinics of North America: Small**

Animal Practice.; 30(4):729-55, 2000.

MEINTJES, R. A. An overview of the physiology of pain for the veterinarian. **The Veterinary Journal, London**, v. 193, n. 2, p. 344-348, 2012.

MICH, P.M.; HELLYER, P.W. Objective, categoric methods for assessing and analgesia. **Handbook of veterinary pain management**. 2nd edition. Mosby Elsevier, St Louis, p. 78, 2008.

MORAIS, C. S. I.; PIRES, S. A.MARTINELLO, M. et al. Fisioterapia associada à terapia assistida por animais em criança com paralisia cerebral:estudo de caso. **Fisioterapia Brasil**, v. 2., n.23, p. 278-287, 2022.

NUNES, C. M. T.; ALMEIDA, G. C. F. e DANTAS, L. C. S. **Influência da caminhada no processo de envelhecimento saudável: revisão integrativa.** Monografia (Graduação de Medicina) , Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras-PB, 2015.

ODENDAAL, J.S., "Animal-Assisted Therapy - Magic or Medicine?". **Journal of Psychosomatic Medicine**, Vol. 49, N.4, p. 275-280, 2000.

PERLS, F., HEFFERLINE, R. & Goodman, P. **Gestalt-Terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

SACHS-ERICSSON, N., & MERBITZ, N. H. Benefits of animal contact and assistance dogs for individuals with disabilities. In W. S. Helton (Ed.), **Canine ergonomics: the science of working dogs** (Boca Raton, FL: CRC Press, p. 301-323, 2009.

SERPELL, J.A., "Childhood Pet keeping and Humane Attitudes in Young Adulthood", **Animal Welfare**, Vol.1, N. 2, p. 321-337, 1993.

SHORT, C.E. Fundamentals of pain perception in animals. **Applied Animal Behaviour Science**. Amsterdam, v. 59, n. 1, p. 125–133, 1998.

SOUZA, M. S.; DUARTE, G. D. BRITO, S. A.P. et al. Relação de idosos institucionalizados em João Pessoa com cães de pequeno e grande porte. **Políticas de Desenvolvimento Populacional**, v. 2, Cap. 12, p 106-113, 2019.

TATIBANA, L. S. & COSTA-VAL, A. P. Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. **Revista Veterinária e Zootecnia em Minas**, n. 103, 2009.

TRANQUILLI, W.J.; GRIMM, K.A.; LAMONT, L.A. Terminologia, fisiologia, reconhecimento e estratégias clínicas para tratamento da dor. In:. **Tratamento da dor para o clínico de pequenos animais**. 2. ed. São Paulo: Roca. Seção 1, p. 1-12, 2005.
VICÁRIA, L. A, "Cura pelo bicho". **Revista Época**, n. 272, p. 83-91, 2003.

VIÑUELA-FERNANDEZ, I.; JONES, E.; WELSH, E. M.; FLEETWOODWALKER, S. M. Pain mechanisms and their implication for the management of pain in farm and companion animals**. The Veterinary Journal, London**, v. 174, n. 2, p. 227-239, 2007

VOLPI, D. E ZADROZNY, V. G. P. Benefícios da TAA: **Uma contribuição da Psicologia** (Trabalho de conclusão de curso de Psicologia). Universidade Regional de Blumenau, Blumenau,2012.

WISEMAN, M.L.; SCOTT, M.; REID, J.; NOLAN, A.M. **Validation of a structured questionnaire as an instrument to measure chronic pain in dogs on the basis of effects on health-related quality of life**. Am J Vet Res., v. 67, p.1826-1836, 2006.

WITTER, I. C**. A família contemporânea e o animal doméstico: uma reflexão acerca do status do animal no contexto familiar e os efeitos dessa relação no Direito.** São Caetano do Sul, 2016.

MOTTA, R. R. **Bom pra cachorro: qualidade de vida para seu cão.** São Paulo: Editora Gente, 2009. 147 p.

IMAGAWA, V.H. **Avaliação da eficácia analgésica de três doses diferentes da dipirona sódica em cadelas submetidas à ovariosalpingohisterectomia.** São Paulo, 2006. 122f. Tese.

(Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

HELLYER, P.W.; ROBERTSON, S.A.; FAILS, A.D. Pain and its management. In: Tranquilli, W. J., Thurmon, J. C., & Grimm, K. A. **Veterinary Anesthesia and analgesia.** 4 ed. 2007. Iowa: Blackwell. Cap. 3. P. 31-60.

RondidoniI, G. F. **A domesticação do cão, seu comportamento agressivo e seu tratamento**, 2000. Disponível em Acesso em 20 abr. 2008.

MENDONÇA, R. J. de et al. **Aspectos celulares da cicatrização. Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 84, n. 3, p. 257-262, 2009.

Broom, D. M., Fraser, A. F. (2010). **Comportamento e Bem-estar de animais domésticos** (4ª ed.) (Molento, C. F. M., Trad.). Barueri, São Paulo : Manole 2010 (4ª ed.). (trabalho original publicado em 2010.

SPILLER, P. R.; NOVAIS, A. A.; MORETTO, V. M. S. Estudo descritivo sobre a síndrome de ansiedade de separação (SAS) em cães. **Clínica Veterinária**, Ano XVII, n. 101, p. 56-62, 2012.

APPLEBY, D.; PLUIJMAKERS, J. Separation anxiety in dogs: the function of homeostasis in its development and treatment. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v.33, n. 2, p. 321- 344, 2003.

BUFALARI, A.; ADAMI, C.; ANGELI, G.; SHORT, C.E. Pain assessment in animals. **Veterinary Research Communications. Amsterdam**, v. 31, n. 1, p. 55–58, 2013.

Lantzman, M. in **Agressão canina**, 2008. Disponível em: http://www.saudeanimal.com/artig167.htm Acesso em: 20 abr. 2008.

CARDOSO, D. P; OLIVEIRA, R.P;ESTRELA, D. S;SARAIVA,L. A;FARIAS, M. P. O;SILVA, P. O. Perfil dos tutores de cão e gato no município de Bom Jesus-PI . **PUBVET**, v.10, n.8, p.580-586, 2016.

SILVA, L. H. **Ansiedade de separação em cães e gatos: Revisão de literatura.** 2009. 42 f. Monografia (Especialização em Clínica Médica de Pequenos Animais) – Universidade Federal do Semi-Árido- UFERSA, Curitiba, 2009.

ALBUQUERQUE, N. S.; CIARI, M. B. **Cães e seres humanos: uma relação forte, complexa, duradoura e vantajosa.** In: CHELINI, M.; OTTA, E. Terapia assistida por animais. São Paulo: Manole, 2016. p. 1-23.

Babá, A. Y., Obara, A. T. & Silva, E. S. (2015). Levantamento do conhecimento de proprietários de cães domésticos sobre zoonoses. **UNOPAR - Científica Ciências Humanas e Educação**, 14, 251-258.

SOMMER, E. L.; FRATOCCHI, C. L. G. Displasia Coxofemoral. Revista de Educação Continuada do CRMV-SP. **São Paulo, fascículo 1, volume 1**, p.031-035, 1998.

L"EPLATTENIER, H.; MONTAVON, P. Patellar luxation in dogs and cats: pathogenesis and diagnosis. **Compend. Contin. Educ. Pract. Vet.**, v.24, p.234-239, 2002.

MARCUSSO, P. F et al. Alterações hematológicas e bioquímicas de cães e gatos com sobrepeso e obesos. **Veterinária e Zootecnia.** São Paulo/SP, 2020.

MARQUES, B. P.; BRUNELLI, S. R.; FAVARO, L. L. Obesidade em cães: causas e consequências – revisão de literatura. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT. Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva.** Itapeva/MG, 2020

CARCIOFI, A. C. **Obesidade e suas consequências metabólicas e inflamatórias em cães e gatos.** Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP. Jaboticabal/SP, 2005.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) senhor (a), esta pesquisa intitulada "IDENTIFICAÇÃO DA DOR EM CÃES POR TUTORES NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA- PB" está sendo desenvolvida por Ariany Lícia Lima Melo, aluna do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança – FACENE sob a orientação da professora Dra. Maiza Araújo Cordão. Tem como objetivo geral: Avaliar a percepção da dor em cães de passeio pelos seus tutores. Objetivos Específicos: Analisar quais os sinais de dor identificados pelos tutores. Verificar informações sobre peso e idade dos animais em relação ao tipo de atividade física em que estão realizando e o tempo da atividade. Contribuir para o diagnóstico precoce da causa da dor.

A finalidade desse trabalho será obter dados que avalie a percepção da dor em cães de passeio, para que se obtenha informações sobre quais os sinais mais observados e identificados pelos tutores, minimizando a possibilidade de agravamento de uma possível doença que esteja causando a dor, e conscientizando os tutores da importância de observar os sinais apresentados por seus cães. Os riscos dessa pesquisa estão relacionados ao constrangimento dos participantes, os cuidados para minimizar os riscos são proteção ao sigilo de todos os dados obtidos. Com o objetivo de minimizar os possíveis constrangimentos, o questionário que será de forma presencial, terá uma descrição prévia do conteúdo da pesquisa, para que todos leiam antes de responder, e assim tenham a opção de concordar e discordar, assim como terão acesso ao termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Em relação aos benefícios, a pesquisa será essencial para buscar sinais clássicos de dor em cães durante atividades físicas juntos com seus tutores podendo contribuir para o diagnóstico precoce de doenças ortopédicas e articulares, minimizando os riscos de patologias secundárias e crônicas.

Desta forma, solicitamos a autorização para a realização de um questionário através do *word presencial*, e após a conclusão do estudo apresentar em eventos científicos e posteriormente publicar em revistas cientificas. Informo-lhe que esta pesquisa não lhe causara danos, comprometo-me em manter seu nome em sigilo caso descida participar, ressalto ainda que sua participação é voluntaria e de extrema importância. Caso descida não participar ou desistir, estará em seu pleno direito. Coloco-me a sua disposição para qualquer esclarecimento que

considere necessário em qualquer fase da pesquisa. Diante do exposto, agradecemos antecipadamente vossa contribuição, o que tonará possível o sucesso desta pesquisa tão importante para o nosso meio cientifico.

Eu,_____, diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida (o), estando ciente do objetivo e finalidade da pesquisa, bem como do meu direito de desistir a qualquer momento com liberdade de retirar este consentimento sem quer traga qualquer prejuízo. Dou o meu consentimento para participar desta pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento assinado por mim e pela pesquisadora responsável.

João Pessoa, __29_, de_Maio_, de 2022.

Pesquisadora responsável

Participante da Pesquisa

[1] Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa: Av. Frei Galvão, 12 – Bairro: Gramame - João Pessoa - Paraíba – Brasil CEP.: 58.067-695 - Fone: +55 (83) 2106-4790. E-mail: cep@facene.com.br

[2] Endereço residencial do (a) pesquisador (a) responsável: Av. Frei Galvão, 12 – Bairro: Gramame - João Pessoa - Paraíba – Brasil CEP.: 58.067-695 -Fone: (083) 9 99033926. Email: maizacordao@hotmail.com

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO

1- Qual o seu nível de escolaridade?

0.( ) Não alfabetizado 1. ( ) Ensino Fundamental 2.( ) Ensino Médio ( ) 3.( ) Ensino Superior 4.( ) Pós graduação

2- Qual a sua idade

0. ( ) 15-30 1. ( ) 31-45 2. ( ) 46- 55 3. ( ) Mais de 56 anos

3- O cão é seu?

0.( ) Sim 1. ( ) Não

Se a resposta anterior for não, informe o tutor:

0.( ) De algum parente 1.( )Patrão 2.( ) Dog Walker 3.Outros ( )

4- O seu cão caminha com qual frequência?

0.( ) Todos os dias 1.( ) Até duas vezes por semana 2.( ) Até 4 vezes por semana

5- O cão faz outro tipo de exercício físico fora a caminhada?

0.( ) Sim 1. ( ) Não

Se a resposta anterior for sim, qual a atividade? _____

6- O seu cão se alegra ao identificar que irá passear?

0.( ) sempre 1.( ) frequentemente 2.( ) raramente 3.( ) nunca

7- O seu cão possui ou possuiu em algum momento da vida alguma ferida?

0.( ) Sim 1. ( ) Não

8- Caso a sua resposta anterior seja sim, quanto a ferida, quando tocada o cão reage?

0.( ) está indiferente 1.( ) pouca atenção 2.( ) não reage 3.( ) rosna ou protege a ferida

9- O seu cão é capaz de se posicionar sozinho para fazer xixi e cocô?

0.( ) nunca mais conseguiu 1.( ) raramente consegue 2.( ) às vezes consegue 3.( ) consegue normalmente

10- O seu cão mantém os hábitos de higiene (lamber-se, p. ex.)?

0. ( ) não 1.( ) raramente 2.( ) menos que antes 3.( ) está normal

11- O seu animal se cansa facilmente?

0.( ) sempre 1.( ) frequentemente 2.( ) raramente 3.( ) está normal

12- Como está o intestino do seu animal?

0.( ) péssimo/funciona com dificuldade 1.( ) ruim 2.( ) quase normal 3.( ) normal

13- Quanta atenção o animal está dando para a família?

0.( ) está indiferente 1.( ) pouca atenção 2.( ) aumentou muito (carência) 3.( ) não mudou/está normal

14- Você percebe o seu cão em algum momento vocalizando?

0. ( )Gritando 1.( ) Resmungando de maneira intermitente, constante ou quando manipulado 2.( ) Não vocaliza

15- O seu cão apresenta algum comportamento anormal?

0.( ) Cambaleante 1. ( ) Inquieto 2. ( ) Não se movimenta

16- Em uma avaliação geral, você considera o seu cão:

0. ( ) Feliz, contente 1.( ) Quieto 2.( ) Indiferente ou não responsivo ao ambiente
3. ( ) Nervoso ou ansioso ou temoroso 4. ( ) Prostado, deprimido ou não responsivo à estimulação.

17- Em relação à postura, o cão parece:

0. ( ) Confortável 1. ( ) Agitado 2. ( ) Inquieto 3.( )Curvado o tenso 4.( )Rígido

18- O cão apresenta interesse pelas suas brincadeiras e comidas favoritas?

0. ( ) Sim 1. ( ) Não

19- O seu cão apresenta um os mais desses sinais: Retenção urinária, constipação,

náuseas, vômitos, dispneia, broncoconstrição e salivação excessiva?

0. ( ) Sim 1. ( ) Não

20- Ao caminhar, você escuta o som das unhas do seu animal em contato com o chão?

0. ( ) Sim 1. ( ) Não

21- Você percebe que o seu cão coça a região da cauda?

0. ( ) Sim 1. ( ) Não

22- O seu cão apresente instabilidade de equilíbrio (patinar) ao levantar?

0. ( ) Sim 1. ( ) Não

23- Como é o apetite do seu cão após as caminhadas?

0. ( ) Excelente 1. ( ) variável 2. ( ) Não possui apetite

24- Você realiza algum outro exercício físico além de caminhar com o seu cão?

0. ( ) Sim 1. ( ) Não

25- Você acha que o seu cão sente dor?

0. ( ) sempre 1.( ) frequentemente 2.( ) raramente 3.( ) nunca

26- Qual a raça do cão?

27 – Qual idade do cão?

28 – O cão tem alguma patologia diagnosticada?

APÊNDICE C

TERMO DE COMPROMISSO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Declaro que conheço e cumprirei as resoluções éticas brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares em todas as fases da pesquisa intitulada**: "IDENTIFICAÇÃO DA DOR EM CÃES POR TUTORES NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA- PB".** Comprometo-me submeter o protocolo à PLATBR, devidamente instruído ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, aguardando o pronunciamento deste, antes de iniciar a pesquisa, a utilizar os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e que os resultados desta investigação serão tornados púbicos tão logo sejam consistentes, sendo estes favoráveis ou não, e que será enviado o relatório final pela PLATBR, via notificação ao CEP da FACENE/FAMEME até junho de 2023, como previsto no cronograma de execução. Em caso de alteração do conteúdo do projeto comprometo comunicar o ocorrido em tempo real, através da PLATBR, via emenda. Declaro encaminhar os resultados da pesquisa para publicação em periódicos nacionais, com os devidos créditos aos pesquisadores associados integrante do projeto, como também os resultados do estudo serão divulgados, como preconiza a resolução 466/2012 MS/CNS e a Norma Operacional Nº 001/2013 MS/CNS. Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

João Pessoa, 29 de maio de 2022.

Maiza Araújo Cordão

(Pesquisadora responsável)